



IDENTIDADES INFANTIS E JUVENIS: UMA PESQUISA PEDAGÓGICA, ETNOGRÁFICA E HISTÓRICA SOBRE O FUNK E SUAS INFERÊNCIAS NA PERIFERIA DE PORTO ALEGRE

Verônica Leques Sommer de Oliveira¹

RESUMO

Todo o sujeito é constituído por aquilo que vê, que ouve, que vivencia e a forma como lida com cada uma destas informações. A mídia, seja ela local ou global, utiliza desta formação de indivíduos através de muitos produtos culturais que são carregados de ideias de mudança de vida, de “salvação”, muitas vezes vendidos e adquiridos por crianças e jovens que entram em contato com as letras, o visual dos artistas, as coreografias, os discursos, depoimentos, modos de falar, agir, de pesar, de ser. Sendo assim, o objetivo deste artigo é problematizar os ensinamentos e as influências que a “cultura musical”, mais precisamente o Funk, tem transmitido às crianças e jovens, influenciando-os a ser e alcançar algo, talvez inatingível, e como estes ensinamentos são compreendidos por eles. Para isso utilizei como referencial teórico autores do campo dos Estudos Culturais como Stuart Hall, Leni Dornelles, Jane Felipe, entre outros. O procedimento investigativo utilizado para esta pesquisa foi estudo de caso etnográfico em Educação, e as técnicas foram observação participante e entrevistas semiestruturadas, com alunos de 8 a 16 anos de uma escola municipal de Porto Alegre, no primeiro semestre de 2014 e no primeiro semestre de 2015. Uma breve pesquisa sobre a história do gênero Funk também foi realizada. Ao analisar os dados encontrei indícios de uma “cultura salvacionista” e “utópica”, que são uma forma de “escape” da realidade, porém inalcançável para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Juventude, Cultura, Música e Funk.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discorrerei sobre as observações que fiz ao longo dos meus anos de sala de aula, das experiências que tive e falas que ouvi no período em que comecei a trabalhar na Rede Municipal de Educação de Porto Alegre.² As diferenças entre as realidades e ideologias apresentadas às crianças e jovens e como os comportamentos destes indivíduos tem comprovado a influência que tem recebido da mídia, seja esta ampla ou local, e a ideia salvadora que muitos alunos de periferia têm em relação ao “status de

¹ Professora da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre. Graduada em Pedagogia (UFRGS) e em Música (UFRGS). Também possui Especialização em “Os Estudos Culturais e os Currículos Escolares Contemporâneos na Educação Básica” pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ve_sommer@hotmail.com

² Em fevereiro de 2014 passei no concurso para professores de Ensino Fundamental de Porto Alegre e fui lotada para uma escola do bairro Restinga. Ao me deparar com as diferentes realidades, as quais sabemos, mas não conhecemos de fato, me choquei com as diferentes culturas que englobam a vida daquelas crianças.



salvação” concedido por esta. A partir disto, tenho como objetivo discutir as influências que eles recebem através da mídia e da música, as ideias de superação, talvez inatingíveis para a maioria, e como as ideologias, propostas e as práticas da sociedade formam identidades, ou até mesmo “produtos”, talvez inalcançáveis. Um trabalho etnográfico e uma breve exposição da história do gênero musical Funk em suas diferentes vertentes também serão apresentados, de forma a relacionar este gênero com as vivências históricas de alguns de meus alunos³, fazendo uma inevitável comparação também com as minhas vivências.⁴

INVESTIGANDO O SER

A proposição adequada de um problema de pesquisa exige, portanto, que o pesquisador se situe nesse processo analisando criticamente o estado atual do conhecimento em sua área de interesse comparando e contrastando abordagens teórico-metodológicas utilizadas e avaliando o peso de consenso, bem como controvérsias, regiões de sombra e lacunas que merecem ser esclarecidas. (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 27)

Toda pesquisa tem que ter por objetivo não achar respostas prontas ou prévias, mas sim explicações e, ou alternativas para explicar o problema. Deve-se fazer o recorte do lugar, e do modo que será feita a investigação, um recorte da realidade que se quer discutir. Um recorte de tempo e espaço, com seus fazeres e seres históricos.

Desenvolver um trabalho investigativo sob a perspectiva dos Estudos Culturais significa ter um foco, uma forma de olhar para o seu objeto, ou seja, o pesquisador chegará ao local de observação com uma visão ampla, desmistificada, pronta para aprender sobre aquele contexto cultural, procurando ver pontos singulares deste. O observador irá esperar que o objeto demonstre, transmita quais as culturas e influências do ambiente pesquisado, pois como diz Stuart Hall (1997a, p. 5):

A cultura não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.

Quando estudamos a formação de identidades relacionadas aos discursos midiáticos, podemos falar um pouco da *análise de discurso* inserida no campo social, na prática discursiva que nos promove entender o papel destes discursos na produção de

³ O nome da escola e os nomes dos estudantes serão omitidos para que sejam preservadas as suas identidades. Este é um critério ético que será adotado ao longo de todo este trabalho.

⁴ Este trabalho é fruto em partes do TCC que realizei para o Curso de Especialização “Os Estudos Culturais e os Currículos Escolares Contemporâneos na Educação Básica” na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre 2014 e 2015. Durante a pesquisa, fui orientada pela Profa. Dra. Rita Cristine Basso Soares Severo.



identidades. Tanto a mídia, quanto a análise de discurso tem como objeto de estudo a produção de sentido na sociedade. Da formação de culturas.

Foucault (1970) expressa que o discurso é uma prática controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico. Estas relações de poder aparecem e tornam-se “práticas discursivas” à medida que se materializam em fazeres, em ações da sociedade. Neste sentido utilizo as palavras do autor para referir-me ao espaço-tempo investigado neste trabalho, tendo em vista o recorte e a análise de “verdades” produzidas neste período. “Noções históricas, densas em sua materialidade, carregadas de tempo, definidoras de espaços, que nascem em algum momento e que têm efeitos práticos” (RAGO, 2002, p. 265)

Deste modo compreendemos que pesquisas nestas áreas são uma “forma de ver o mundo” e não apenas um método. Que é importantíssimo procurar os critérios que definem os sujeitos a serem investigados. Que perspectivas culturais, que discursos permeiam e aos quais estão expostos e que aspectos da sociedade o autor deve levar em conta.

Compreendendo que a música também é uma forma de cultura, a cultura musical, e esta, pela expansão contínua da mídia, que como cita Hall (1997b) é o produtor e reproduzidor de ideias mais rápido e de maior potencial de nossa época, tem induzido de forma subliminar e direta as escolhas de ser das crianças e jovens, seduzindo-os a identificações reais e ilusórias e é através dessas produções de sentido que as identidades se criam.

O Autor ainda acrescenta que “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (p.80). Estas identidades têm sido fortemente influenciadas pela mídia, seja ela ampla, global, de massa ou até mesmo local. Esta, por sua vez, tem tomado um lugar importante em termos de formação e de organização da sociedade, tem apresentado diversas formas de cultura e representa-as através de seus produtos e marketing. Haja visto que “ela desempenha o papel de mediação entre seus leitores e a realidade” (GREGOLIN, 2007).

A cultura musical reforçada pelos inúmeros “modelos”, artistas, imagens, e letras de música reproduzidas pela mídia, tem delineado maneiras de ser e se portar. A partir do momento em que cada uma destas ideias e imagens torna significativa aos seus espectadores passa a ter a dimensão de cultura.

Então, falamos da “cultura” das corporações, de uma “cultura” do trabalho, do crescimento de uma “cultura” da empresa nas organizações públicas e privadas (Du Gay, 1997), de uma “cultura” da masculinidade (Nixon, 1997), das “culturas” da maternidade e da família (Woodward, 1997), de uma “cultura” da decoração e das compras (Miller, 1997), de uma “cultura” da desregulamentação (nesta obra), até mesmo de uma “cultura” do *em forma*, e — ainda mais desconcertante — de uma “cultura” da magreza (Benson, 1997). O que isto sugere é que *cada* instituição ou atividade social gera e



requer seu próprio *universo* distinto de significados e práticas — sua própria cultura. Assim sendo, cada vez mais, o termo está sendo aplicado às práticas e instituições, que manifestamente *não* são parte da “esfera cultural”, no sentido tradicional da palavra. De acordo com este enfoque, *todas* as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão “cultural”. (HALL, 1997a, p.11)

“É fundamental examinarmos não somente a educação que se dá dentro das instituições escolares, mas também aquela que se desenvolve a partir de outros locais onde o conhecimento é produzido e veiculado.” (FELIPE; GUIZZO, 2003). Em meados de março de 2014, quando comecei a trabalhar em uma escola de Ensino Fundamental do bairro Restinga, do município de Porto Alegre, me vi extremamente atingida pela realidade local. Em primeiro lugar me deparei com alunos “mal educados”, “violentos”, e de “palavrado péssimo”.

Deparei-me com uma realidade avessa a minha,⁵ ou pelo menos que eu cria não ser a minha. Percebi quão alheia a realidade de muitos estive por tanto tempo, como detinha uma posição de “mais saber’ ou “melhor ser” e como reproduzi discursos de verdades, que segundo Foucault (1970) é o espaço em que saber e poder se articulam. “Discursos que nos impõe a uma generalização a tudo que significa ser infantil e nos impede de pensar nas muitas infâncias, nos muitos brasis-infantis que vêm sendo produzidos ao longo de séculos.” (DORNELLES, 2005, p.11)

Neste ano fiquei como volante das turmas de B10 e BP, que seria uma espécie de professora referência substituta para as turmas de 4º ano do Ensino Fundamental conforme a escolaridade regular (B10) e para a turma de Progressão dos anos ciclos do município de Porto Alegre (BP) que se refere ao 4º, 5º e 6º ano do Ensino Fundamental. Desta forma pude conviver diretamente com cerca de 70 alunos entre 8 e 16 anos. Crianças e jovens que, apesar da diferença de idade conviviam em um mesmo espaço de aprendizagem e compartilhavam seus conhecimentos escolares e não escolares.

Por não ser professora referência tinha um espaço de comunicação mais livre com os alunos, pois trabalhar com projeto de reforço escolar, ajudando-os nas áreas que demonstravam maior dificuldade. Conversávamos sobre o que gostavam de fazer e com quem se relacionavam, que tipos de música gostavam de escutar e por quê. Deste modo tinham a liberdade de produzir textos, histórias, matemáticas, etc, a partir de suas vivências.

Destas conversas passei a fazer anotações no caderno de falas que me pareciam importantes para compreensão do “porque ser” de alguns alunos. Outras ficaram gravadas em minha mente, por me trazerem certo estranhamento, e também práticas não discursivas,

⁵ Como sempre estudei e até então havia apenas trabalhado na rede privada de educação, senti-me bastante chocada ao enxergar uma infância à qual eu não vivi, e não acreditava ser “ideal”.



mas ações que os alunos demonstravam, em sua quase totalidade, que com a convivência passei a compreender como ser e fazer da comunidade. Da cultura local.

No mundo moderno, enquanto as crianças se encaminham para a idade adulta, revelamos-lhes esses segredos da maneira que acreditamos ser psicologicamente assimilável. Mas tal ideia é possível somente numa cultura em que há uma diferença marcante entre o mundo adulto e o mundo infantil, e onde há instituições que expressam esta diferença. (POSTMAN, 1999, p. 29).

Percebi que talvez dentro da realidade em que fui inserida esta preocupação de distanciamento da criança e do jovem do mundo adulto não seja tão importante, talvez não seja possível em muitos casos, devido à falta de separação de ambientes em casa, da falta de estrutura nas famílias, da organização, ou falta dela, nos abrigos onde muitas das crianças e jovens da escola moram.

Muitos dos meus alunos faltavam à aula não por estarem doentes ou por “cabularem” a aula, mas por ficarem cuidando dos irmãos menores ou por terem que arrumar a casa. Alguns relatavam que a mãe havia ido ao baile funk no clube mais badalado do bairro na noite anterior e esqueceu-se de acordá-lo para ir à escola. Os mais velhos, já adolescentes, participavam dos bailes e shows dos Mcs⁶ promovidos pela produtora local, muitos amigos destes.

Acredito que “muitas práticas se constituem em pequenas violências que podem afetar negativamente o desenvolvimento infantil” (FELIPE, 2001, p.32), como ficarem responsáveis por responsabilidades que não são suas, como cuidarem dos irmãos como se fossem seus pais. Como escrevi anteriormente acredito que as crianças e jovens devem sim ajudar seus pais, responsáveis, que é necessário dar a eles estrutura e responsabilidade, mas ainda fico em conflito ao pensar até que ponto o que percebo que estes jovens e crianças têm vivenciado é saudável e, ou natural tendo em vista as “verdades” de cada um, como diz Hall (1997a) todas as nossas ações, nossas condutas e formas de ser são moldadas e influenciadas pelos significados culturais que recebemos ao longo da vida. E estas passam a ser regulamentadas pela sociedade.

A partir destes estranhamentos e à medida que fui me inserindo no contexto social e cultural da Restinga, passei a interessar-me em compreender e desmistificar meus próprios paradigmas e “a interação constante entre o pesquisador e o sujeito e/ou objeto onde o pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados” (ANDRÉ, 1995) é um fato importantíssimo para realizar uma Pesquisa Qualitativa do tipo Etnográfico.

⁶ MC é um acrônimo de *Mestre de Cerimônias*, pronuncia-se “eme ci”. É usado por artistas e apresentadores.



A Pesquisa Etnográfica envolve trabalho de campo, etnografia significa “descrição cultural”. É um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. (ANDRÉ, 1995). Os educadores têm se utilizado deste modo de pesquisa para compreender as práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados de um grupo social (turma, escola, bairro...) tendo em vista os processos educativos, sem que estes tenham que permanecer por um espaço de tempo tão longo no local, como acreditam os sociólogos. (WOLCOTT, 1988)

Assim, como não tive um tempo maior para coleta de recursos para a realização deste trabalho investigativo detive-me em alguns tipos de produção de recursos, sendo um deles a entrevista, que consiste em qualificar o trabalho de observação e “vai desde uma conversa informal até um questionário padronizado” (GOMEZ, 2000, p. 64).

Como não pretendia utilizar nenhuma de minhas anotações realizadas durante o trabalho de campo para fins de pesquisa tinha apenas conversas informais que fui tendo com os estudantes e que, para Gomez (2000) podem ser utilizadas “conforme os objetivos da pesquisa” (p. 64). Ela ainda acrescenta que devem ser “apropriados culturalmente”, ou seja, para obter melhores resultados devem descrever as especificações do público alvo. Como a pesquisa surgiu ao longo das aulas do Curso de Especialização as perguntas não foram pré-definidas, foram surgindo ao longo das observações e conversas e a análise foi feita a partir do que achei relevante destas a partir do tema escolhido. Utilizei redes de relações que são “um conjunto específico de vínculos entre um conjunto específico de pessoas, e as características desse conjunto podem ser usadas para interpretar o comportamento social das pessoas envolvidas” (GOMEZ, 2000, p.68).

Para coleta de dados foi utilizado como instrumento base às entrevistas semiestruturadas, pois não há imposição ou ordem rígida de questões, na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (ANDRÉ, 1995). As observações e a formulação das perguntas têm sua ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto e/ou nos resultados finais, preocupa-se como significado, com a maneira pela qual as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. (ANDRÉ, 1995)

Durante a realização deste trabalho, utilizei, de forma constante, o que André (1995) chama de descrição e indução, ou seja, fiz uso de grande quantidade de dados descritivos como situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos meus, e que apenas fui ouvinte, que são reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. Muitas destas não tinham uma escrita formal em um diário de campo ou caderno, por isso optei por analisar e relacionar a alguns documentos fotográficos na “busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações teorias e não a sua testagem.” (ANDRÉ, 1995) e ainda “tem plano



aberto e flexível, nos quais os focos vão sendo revistos, reavaliados, os instrumentos reformulados, repensados.”

Para Gomez (2000) a Análise de documentos é “... uma boa fonte de informações, que pode ser aliada a outras técnicas de coleta, completando ou evidenciando fatos novos” (p.71). “Visa descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.” (ANDRÉ, 1995)

MAS ERA UMA VEZ UM MENINO SONHADOR

Stuart Hall (1997a p.2) afirma que “toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, desta forma, são práticas de significação” sendo assim todas as manifestações artísticas, incluindo, a música, retratam uma forma de cultura, um jeito de demonstrar nossas formas de ser.

Desde o início da história da humanidade retrata-se o uso de instrumentos e a presença da música, é possível achar pinturas rupestres que retratam instrumentos e eventos musicais.

Sabe-se que as primeiras imitações sonoras do homem da pré-história foram apenas de sons vocais representando a natureza e suas vivências, depois vieram os pequenos instrumentos feitos com ossos e materiais encontrados na natureza. Um dos primeiros relatos escritos sobre eles está no Antigo Testamento, onde vemos os primeiros instrumentistas. Gênesis 4:21 fala dos descendentes de Adão, filhos de Jubal, pai dos primeiros tocadores de harpa e flauta. Sendo este um dos primeiros registros da humanidade, podemos perceber que desde “sempre” existe música, e este é um dos primeiros modos criados pela humanidade para demonstrar sensações e emoções, seja através de sons vocais ou instrumentais, tanto harmônicos como rítmicos, e, até mesmo, corporais, com uma referência também do antigo testamento, no livro de Êxodo 15:20, em que após atravessarem o Mar Vermelho o povo de Israel festejou e as mulheres saíram dançando e tocando tamborins.

Segundo Felipe (2002) “A música é uma das formas mais importantes de manifestação da cultura de um povo.” (p. 26). Assim é importante discutir o quanto os sons, as danças, as manifestações musicais produzidas e ouvidas por nós tendem a nos influenciar. Existem inúmeros estilos musicais como Gospel, Reggae, Rock, Ska, Samba, Hip – Hop, Pop, entre outros. Um deles, o que mais aparece nos relatos, conversas e observações que fiz ao longo desta pesquisa é o Funk. Este é considerado um estilo musical bastante ofensivo para alguns, insinuante e indecente para outros, mas, seja ele considerado “boa” música ou não, faz parte da realidade de milhões de brasileiros, e, deste modo, dos meus alunos.



De acordo com a Enciclopédia Livre, o Funk surgiu no final da década 60, embalado pela música negra norte-americana, mesclando diferentes estilos, dentre eles a soul music, o R&B, o rock, a música psicodélica e o jazz. As características mais marcantes destes estilos musicais são o ritmo sincopado, a presença marcante da linha de baixo, acompanhamento de metais rítmicos e fortes, juntamente com uma batida percussiva dançante e repetitiva.

Nesta época a palavra “funk” era considerada indecente, já que na língua inglesa esta tem uma conotação sexual e suas letras e ritmos eram considerados sexys e soltos.

Na década seguinte surgiu o chamado P-Funk, um subgênero do primeiro estilo mais inspirado na batida da música psicodélica. As primeiras mudanças foram feitas por George Clinton e suas bandas Funkadelic e, anteriormente, Parliament. A partir de então muitas outras bandas com este estilo surgiram nos Estados Unidos.

As primeiras aparições do Funk, mais parecido com o que ouvimos hoje, foram nos bailes do Rio de Janeiro e começaram na década de 80 influenciadas por um novo ritmo da Flórida, o Miami Bass. Este estilo foca em músicas com letras mais eróticas e batidas mais rápidas. No início o Funk carioca tratava da vida nas favelas, de armas, drogas, pobreza, etc. Depois, na década de 1990, em que começou a ganhar espaço e atrair um público maior, tornou-se mais “apelativo”, tratando de temáticas sensuais e letras com duplo sentido.

Neste meio tempo o funk passou a ser alvo de preconceito, muito em relação a maior adesão das classes mais populares, bem como pelas letras “sem pudor” e os bailes de corredor, onde havia dois grupos, os quais frequentemente se agrediam e refletiam uma ideia negativa sobre o movimento. Por estes e outros motivos estes bailes funks foram ameaçados de extinção e proibição diversas vezes.

Nesta época surgiu um novo subgênero do funk carioca, o funk melody, que consiste em letras mais românticas e ritmo mais lento. Estas foram protagonizadas por diversos artistas dentre eles MC Buchecha e MC Marcinho⁷. Concomitantemente aparece o famoso Funk Proibidão, que tem suas letras, muitas vezes vinculadas ao tráfico e a violência nas favelas do Rio.

Nas últimas décadas, 2000 e 2010, temos visto o surgimento de um novo tipo de Funk, o chamado Funk Ostentação, o qual é uma vertente do funk carioca. Criado em São Paulo, teve seu alcance nacional a partir de 2011.

Os Mc's deste tipo de funk procuram mostrar nos cliques o consumismo, cantando sobre carros caros, com colares de ouro, anéis, motos, bebidas, cercados por mulheres

⁷ MC Marcinho e MC Buchecha, nomes artísticos dos cantores e compositores de música funk Márcio André Nepomuceno e Claucirlei Jovêncio de Souza respectivamente.



“bonitas”, referindo-se diretamente a ostentação, ou seja, a visualização do que foi “conquistado”, dos bens materiais, da conquista do maior objetivo, sair da favela.

O Funk ostentação tem como objetivo uma alternativa ao funk proibidão, o qual trata dos “problemas”, trazendo em suas letras a “superação”, a “solução”, a “salvação”, em resposta a vida de sofrimento das favelas brasileiras. Este gênero tornou-se ainda mais conhecido após a morte do MC Daleste⁸ e o investimento da mídia sobre a vida destes artistas e a influência desta “salvação” sobre a nova classe média brasileira.

As letras deste estilo de funk, não se concentram apenas na ostentação, mas principalmente na ideia de superação, a realidade difícil em que vivia e a superação e conquistas de seus objetivos. Segundo o MC Bio G3⁹, um dos precursores do estilo, a ostentação não é apenas exibir-se, mas mostrar que, mesmo com uma vida cheia de dificuldades, qualquer um consegue chegar onde eles chegaram.

Deste modo, passo a discutir como estes estilos musicais, imagens e discursos, juntamente com a mídia permeiam a mente e as formas de ser de meus alunos.

COMO SE CONSTITUEM OS “SERES”

“O essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia...” (WOODWARD, 2000, p. 15)

Todo ser humano é formado por partes iguais, ossos, órgãos, músculos, pele, membros, veias, sangue, etc. O corpo humano tem as mesmas características, independentemente se há alguma anomalia genética ou a diferença de pigmentação da pele, o indivíduo não deixa de ser humano. Passamos pelas mesmas fases de crescimento, processos de aprendizagem, alguns mais rapidamente, outros mais lentamente, mas “todos começamos a aprender quando nascemos e só findamos nossos aprendizados quando a vida termina” (PIAGET, 1973).

Somos constituídos de humanidade, de sentimentos, de emoções de necessidades fisiológicas. Muitas vezes ouvimos, “mas é igual ao teu pai”, ou “igualzinha a tua avó”, reforçando a veracidade de que somos o que somos por sermos parecidos com “fulano” ou porque “siclano” faz aquilo também, e somos apenas meros reprodutores.

“O sujeito não se constitui de fenômenos internos e nem se reduz a um reflexo passivo do meio” (FICHTNER, 1997, p.152). Por mais parecidos que possamos ser aos

⁸ MC Daleste era o nome artístico de Daniel Pedreira Senna Pellegrini, cantor de funk paulista assassinado em um show no dia 7 de julho de 2013.

⁹ MC Bio G3, um dos cantores que gravou a primeira música no estilo ostentação em setembro de 2008.



nossos pais, avós, tios, somos indivíduos formados não apenas de conceitos genéticos, mas sim desde as misturas, de nossas experiências e de como internalizamos e externalizamos cada uma delas, de fenômenos internos e externos.

Abastecidos por ideias alheias a nossa família, transmitidas por nossos professores ao longo de nossa escolarização, preenchidas pelos jornais, novelas, livros, músicas, “pela cultura da massa, que inscrita em códigos e estilos, gestos e performances, têm nas cenas juvenis um terreno próprio para a formação de identidades” (GARBIN, 2014, p.89).

Nossos gostos ou desgostos são permeados pela influência do meio em que vivemos, por nossas experiências e associados à nossa individualidade. Segundo Hudak (1999) as identidades são feitas, não estão lá para serem encontradas, mas devem ser cultural e politicamente construídas.

Há alguns anos atrás, quando se falava de identidade e cultura, ouvia-se muito sobre “a identidade” e “a cultura”, mas já há algum tempo autores têm discutido a ideia de uma identidade mutável, ou de várias identidades que se constituem ao longo da vida ou do momento em que se encontra o indivíduo e que é permeada pelas diversas culturas devido a globalização e a mídia, sem a pretensão do “ser”, mas sim do “estar”. Conforme Hall (2000), a identidade nunca está completamente determinada, ou seja, podemos sempre “ganhá-la” ou “perdê-la”, pode ser sustentada ou abandonada conforme vamos adquirindo e vivendo conhecimentos, reforçando os aspectos da identidade fluída ou de identidades variáveis.

Sabemos que a globalização permitiu uma troca maior e mais rápida entre identidades culturais, sejam elas entre países ou até mesmo entre estados de um mesmo país. A contínua e acelerada troca de informações que a mídia oferece nos proporciona o “ser” de outros lugares. “Simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais” (HALL, 1997a).

Nixon (1997 apud HALL, 1997a) descreve essas identificações como um conceito, que entende o processo de como nos identificamos com os demais, seja pela presença de identificação, por relações pares ou pela falta destas, ou seja, por consciência do diferente. Somos formados não apenas por simbolismos, mas também por relações sociais.

Uma das grandes influências na formação de identidades juvenis, e que acredito ser uma das mais difundidas e fortes, é a música. Ela proporciona o sentimento de pertencimento, de identificação. Frith (1996) discorre sobre suas funções sociais, influência na formação de identidade e desenvolvimento de senso de lugar e contexto social, ratificando a ideia de que a música perpassa a esfera midiática, cultural e apreciativa para além das constituições sociais.



A partir destes conceitos, vejo a influência na formação de identidades de meus alunos. “Ao examinar sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado” (HALL, 1997b), sendo assim percebo o predomínio de certas culturas no fazer dos jovens e crianças de meu convívio escolar.

Quando falamos de como nos constituímos, sempre temos uma gama maior de influência do que a que nos parece mais importante, no entanto é o que mais nos toca, nos incentiva e do que mais gostamos, o que nos tem sentido, que dizemos fazer parte de nossa “s” identidade “s”. Hall (1997a) afirma que todas as nossas ações, nossas condutas e formas de ser são moldadas e influenciadas pelos significados culturais que recebemos ao longo da vida. Ao conversar com meus alunos ouvi e vi, em suas declarações, e seus fazeres, que há um leque diverso no que se trata de cultura musical, que faz parte de seu cotidiano. Porém, em sua maioria, o que declaram realmente gostar é de funk. Funk de diversos estilos, mas com grande preferência o funk Ostentação, que tem aparecido com bastante força nas mídias.

Giroux (1995) propõe que a mídia tem um papel importantíssimo nas questões culturais, pois se deve a ela o poder da “comunicação em massa” (p.90) da produção e representação de imagens, de disseminação de ideias. É através dela que a cultura musical tem se “espalhado” de forma tão forte e constante e assim “ampliam nossa compreensão do pedagógico e do seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem” (p.90) ... “a produção, a estrutura e a troca de conhecimento” (p.91). (SOMMER, 2009, p.35)

Na última década o estilo Ostentação tem se expandido e difundido ideias de luta, de superação, de “salvação”. De que todos são capazes de vencer suas dificuldades, de crescer na vida, de ganhar dinheiro, de sair da pobreza, etc. Não por estudarem, se esforçarem, lutarem por um futuro melhor, como nós professores e, diria até mesmo, adultos acreditamos, mas por cantarem funk. “A vida das pessoas comuns foi revolucionada” (HALL, 1997b, p. 1)

Os cantores aparecem em seus videoclipes ostentando com seus carros caros, suas mulheres lindas, seus anéis e correntes de ouro, suas roupas e bonés de marca. Mostram imagens de mansões e festas em que são aclamados por todos. As letras de suas canções são permeadas de vitórias, de grandes conquistas, de poder e influência, de como seu passado era difícil, mas como todo o sofrimento acabou. Transmitindo uma cultura “salvacionista”.

A imagem do jovem com corrente de ouro e utensílio da moda, por si só já chama a atenção, mas além dos apetrechos e da postura do indivíduo ela vem acompanhada de uma frase de efeito, “só é impossível se vocês não tentarem”. “O poder de mudar sua vida está nas suas mãos e se você tentar vai superar as dificuldades com certeza”, é isto que, em minhas



palavras, significa e expressa a imagem acima. É a partir destas e outras imagens, em que muitas crianças e jovens de periferia se inspiram. Vemos a maior parte deles, se não todos, com os mesmos discursos visuais, posturas, maneiras de andar, de falar, de se portar. A inspiração está na imagem e também na frase, que a reforça, possibilitando o pensamento de superação se houver uma tentativa, insistência.

As letras das músicas ratificam as imagens, algumas falam de Deus, usam passagens bíblicas, “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”, contam as histórias de seus protagonistas, “Pela humildade, simplicidade, força de vontade, hoje eu estou aqui. E com as pedras que me atiraram o meu castelo eu já construí”¹⁰. Grande parte das composições incentiva os ouvintes a superarem suas realidades, suas possibilidades e a si próprios.

“É, especialmente, aqui, que as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão a vida, sobre suas aspirações para o futuro.” (HALL, 1997a, p. 2) Acredito, sim, que a música seja um grande incentivo para a mudança de vida e de pensamento da sociedade. No entanto, pergunto-me se esta possibilidade de “salvação” vendida é possível a todos.

(...)mesmo que as pessoas não sejam satisfatoriamente representadas por nenhum destes conjuntos de imagens, provavelmente se sentirão mais atraídas por um do que pelos outros, vendo-se representadas ou refletidas (ou como se diz, “sentindo-se no seu lugar”) em algum deles. (HALL, 1997a. p.8)

As crianças e jovens têm sido ensinados pela cultura musical do funk que há sim formas mais “fáceis” de “crescer na vida” do que estudar. Sabemos que nem todos terão a “cara”, nem o corpo, nem a voz, nem a chance destes músicos. Mas todos parecem sentir-se acolhidos, participantes deste mundo, desta cultura, desta miscigenação pessoal e cultural, parecem fazer parte de uma nova “política de identidade” (BUTLER, 1993).

FUNK E SUAS INFERÊNCIAS

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p.17)

Embora o ritmo funk tenha surgido nos Estados Unidos, com a expansão dos meios de comunicação e a globalização chegou com grande força ao Brasil há cerca de 30 anos

¹⁰ Parte da letra da música “Minha origem” de Mc Guimê. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mc-guime/minha-origem.html#ixzz3yvVAW6xY>>. Acesso em: 15 Jul. 2019.



atrás, e atingiu, primeiramente as classes sociais mais humildes do Rio de Janeiro. Este estilo musical fazia parte da cultura negra norte-americana, com ritmo dançante, sensual e libertador, foi muito bem recebido nas favelas de nosso país. Acredito que por sua identificação com a maioria negra das favelas, com as letras que falavam de um cotidiano difícil, assim como as do Hip-Hop, de tráfico e violência que muitos destes músicos americanos apresentavam. Jane Felipe (2002) diz que a música sempre descreveu formas de ser e estar na sociedade e que ela varia de “época para época, de cultura para cultura, bem como são atravessadas por outros aspectos, tais como: classe social, idade, raça, etnia, religião, dentre outros.” (p. 27).

À medida que os cantores, produtores e dançarinos de funk começaram a tomar espaço na grande mídia, a serem chamados a participar de grandes shows e programas de televisão, o ritmo passou a ser difundido de forma rápida para todo o país, mas ainda era visto pelas classes mais altas como música “popular”¹¹. Tocada apenas em festas e bailes da periferia.

Lembro-me de quando criança, com cerca de 8, 9, 10 anos, após a cegada do funk ao Brasil, ouvir e ver diversas vezes em grandes programas televisivos a dupla de cantores Claudinho e Buchecha¹². Eles eram uma dupla que cantava um estilo de funk “mais aceito na sociedade”, uma espécie de funk melody que tem um som mais melódico e letras mais contidas. A que mais me recordo de ter escutado nos anos 90 foi “Quero te encontrar” e “Só Love”, músicas cantadas pela dupla.

Recordo-me de cantar algumas partes da letra sem perceber de que se tratava, por minha pouca idade e falta de conhecimento do mundo adulto. A música “Só Love” tratava o ato sexual de forma ambígua e, sem chamar a atenção, a letra dizia assim “Quero de novo com você, me atracar com gosto, corpo, alma e coração”. Para uma criança poderia se tratar de qualquer coisa, inclusive tomar um sorvete de novo com a namorada. Acima das letras gostava era do ritmo que me fazia ter vontade de dançar. As letras das músicas tratavam de assuntos adultos, de namoro, relacionamento, festas, etc. No entanto, de forma sutil, talvez por esse motivo, apesar de ser funk, foram bem aceitos pela sociedade em geral. Já que nesta época o funk proibidão era tocado com bastante potência nos bailes. Este, com ritmo marcante e compassado, letras explícitas, cheias de conotações sexuais, violência e palavrões, era mais “proibido” para crianças e menos aberto ao público.

Na década de noventa o meio de maior poder na área de comunicação era a televisão. Com o acesso restrito a internet, esta era a forma dos produtores de difundir ideias. As mídias chegam à casa de cada telespectador com a “verdade” que quer

¹¹ Categoria utilizada sob minha responsabilidade.

¹² Dupla famosa de cantores brasileiros de música funk, entre os anos de 1995 e 2002.



perpetuar/vender. “O que as mídias oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.” (GREGOLIN, 2007, pg.16). A grande massa da população era e é influenciada por esta “verdade” ou “verdades”. Hall (1997b) escreve que a globalização é sempre desigual na sua forma de distribuição nas camadas da sociedade. Entretanto, ela tem seus efeitos por toda parte, inclusive na “periferia”, mesmo que seja de modo mais lento. Ou seja, por mais que as classes mais pobres da sociedade tenham maior dificuldade de adquirir certos “bens” globais ou até mesmo escolher, ou ter diversas fontes de comunicação, todos, mesmo mais tardiamente, chegam ao efeito “pluralizado”.

O funk passou a tomar lugar em todo o Brasil e nos últimos anos vem tomando lugar inclusive nas classes mais altas da sociedade. Devido a sua grande gama de estilos, melody, proibidão, ostentação... (descritos anteriormente) cada “fatia” da sociedade identifica-se com o estilo que melhor se aplica a si.

Com a popularidade da internet e a facilidade da população de ter contato com inúmeras e diversas publicações de vídeos, imagens e música, a cultura musical, mais ampla, mais globalizada, e até mesmo mais “escondida” pelos meios de comunicação em massa, foi sendo disseminada, e uma maior parte da sociedade tivera acesso a ela. Desta forma “os eventos de determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância”. (HALL, 1997a, p. 73) e “é provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (p. 84)

Nas últimas décadas, algumas regiões de periferia de Porto Alegre ficaram conhecidas por seus grandes bailes funk. Uma delas foi a Restinga, que sempre convidava grandes MCs da região ou até mesmo de outros estados para participarem de suas produções. Com o passar do tempo e a crescente popularização destes shows e bailes, criou-se, por iniciativa de pessoas da comunidade, um espaço de shows oficial chamado “Os sem carinho”¹³. Este clube passou a ser conhecido pela comunidade local e criou um grupo musical, produzido por alguns contribuintes da comunidade, chamado com o mesmo nome. Este grupo visava promover bailes e eventos da comunidade para a comunidade, dando oportunidade para os cantores e dançarinos locais. Este investimento cresceu e passou a produzir seus próprios Mcs, CDs, dançarinas... que fazem da parte da mídia local. São artistas respeitados pela comunidade e que fazem parte da Gravadora e Produtora Sem Carinho.

Esta crescente aparição na mídia local faz muito sucesso entre os indivíduos da comunidade local. Muitos têm conhecidos, amigos que se tornaram cantores desta

¹³ Grupo de cantores, Mcs, dançarinos, artistas locais produzidos pela Produtora Sem Carinho do bairro Restinga em Porto Alegre.



produtora, que já gravaram CDs. Alguns “ganharam” uma casa melhor e compraram um carro a partir deste incentivo.

Um de meus alunos, “G.” (11 anos), tinha a ideia de que seus funks fariam grande sucesso, quando ele os apresentasse na produtora local. Insistiu, inúmeras vezes, em cantá-los para mim e, apesar de não compreender uma palavra do que ele cantava, o incentivava a continuar. Disse-me também que tinha o sonho de ser Mc e melhorar a sua vida e a da sua mãe, muito influenciado pela ideia de “salvação” pregada nas letras das músicas escutadas por ele.

Hall (1997b, p. 75) escreve que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”, e “desta forma os diferentes sistemas de representação tem efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.” À medida que o indivíduo cresce tem sua identidade formulada e reformulada, ou suas identidades, como discutimos previamente. Desta forma, o “lugar” (GIDDENS, 1990), o meio em que vive, sua família, amigos, práticas de sua comunidade e sociedade, que são específicos, auxiliam a sua estruturação, ou constituição. Bem como os acontecimentos externos e representações de realidades e possibilidades de “ser” que são formadoras de identidade (HALL, 2000). Além do constante incentivo da pequena mídia, estes jovens e crianças tem o apelo do que veem e ouvem de depoimentos de MCs que falam sobre superação e realizações na grande mídia.

Em certo dia de chuva, em meados de abril de 2015, eu estava com poucos alunos na sala de informática e uma de minhas alunas “S.” (9 anos) me perguntou se poderia ver um vídeo de Funk. Então lhe perguntei quem era que ela gostaria de ver e ela me disse o “H.V¹⁴ sora...”, continuei a conversa perguntando por que ele, e que tipo de música ele cantava, já que para mim era um artista completamente desconhecido. Ela respondeu-me de forma direta, “porque sim sora, gosto de funk”. A conversa se seguiu e ela foi me contando que “fulano” tinha cantado no show dado pelos moradores do bairro e que um menino de 13 anos da comunidade estava gravando CDs pela produtora e, agora que ele estava fazendo sucesso, uma jovem de 17 anos, a qual nunca teve interesse por ele antes, estava morando com ele.

Continuei a conversa normalmente, já que, apesar do relato, ela me pareceu achar extremamente natural o acontecimento que me relatara. Mas fiquei estarecida pela idade dos indivíduos envolvidos e nas responsabilidades que poderiam surgir deste “ajuntamento”, e inúmeros outros pensamentos me passaram pela mente. Neste momento deparei-me com mais um de meus paradoxos de como sempre acreditei que a vida adulta devesse

¹⁴ MC H.V, menino de 13 anos, morador da Restinga, cantor de funk que faz parte do grupo Os Sem Carinho.



ser constituída, a forma de família, de idade, até mesmo de cronologia (idade, estudo, trabalho...), uma ideia um tanto “burguesa”, por assim dizer. E de como a comunidade em que estava sendo inserida via esta constituição de maneira tão diferente da minha.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas... Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p.1)

“S.” me relatou que gostaria de ser Mc quando mais velha, pois havia visto na internet um videoclipe e um depoimento de um Mc do Rio de Janeiro que através do funk conseguiu superar seus problemas financeiros e comprar uma casa para sua mãe.

“E.” (15 anos), disse-me “Sora, ... pra nós só tem duas opções, ou entra no tráfico ou vai pro funk. Como eu não quero ser bandido vou ser Mc”. Senti-me abalada com a colocação deste aluno, devido à ideia de impossibilidade tão presente e marcante que percebi naquela comunidade. Uma repetida “evangelização” do “não poder” “não ser”, “não”. Enfatizando o conceito de “identidade cultural”, que Hall (2000) alega “partir, sempre, de uma posição histórica e cultural específica.” Deste modo, pude perceber como estes indivíduos necessitam da identificação com determinados artistas e músicas, como uma forma de autoafirmação e também de “sonho real”, uma afirmação de “determinada identidade por meio de uma descoberta de um passado supostamente comum” (p.27)

Apesar de ouvirem diferentes tipos de letras, inclusive algumas de conotação sexual completamente explícita, muitas vezes, durante as conversas em sala, tanto das crianças como dos adolescentes, outros estudantes repetiam o discurso de “E.”. Alguns gostavam de cantar as músicas dos Mcs do bairro e outros dos de São Paulo e Rio de Janeiro, mas todos compartilhavam da mesma ideia de superação e possível “salvação” que havia no funk, conhecido como ostentação.

“Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado -...um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos” (HALL, 2000, p. 27). O autor refere-se a um passado, talvez histórico, mas trazendo sua afirmação para o contexto investigado refiro-me a um passado não somente histórico, mas do cotidiano, identitário com o sofrimento, a violência, a fome, o “não ter” destes alunos com o “não ter” dos cantores. Acrescentaria também a identificação destes sujeitos com a possibilidade futura de superação declarada por seus ídolos e desta forma a reafirmação do discurso “salvacionista”.



(...) a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”. (RUTHERFORD, 1990, pp 19-20 apud HALL, 2000)

É através desta identificação e relação com a mídia local e também com os meios eletrônicos de comunicação que as idealizações se perpetuam, através de uma certa “cultura musical” e suas possíveis identidades, que as identidades reais e “possibilidades” se tornam plausível.

CONCLUSÕES: POSSIBILIDADES E NOVOS DISCURSOS

Ao longo da formulação e escrita deste trabalho pude retomar inúmeras reflexões que já havia feito, bem como deparar-me com novos paradoxos e reformular muitos de meus próprios conceitos. Ter um olhar mais amplo sobre infância e juventude. Fazer novas leituras sobre influência da mídia, a formação de culturas e a constituição de identidade. “A mídia nos transmite incansavelmente suas ideias e informações, e é através destas informações que se aprende e se constituem os sujeitos.” (SOMMER, 2009, p. 39). Tive como base algumas das questões que já havia trabalhado em outro trabalho acadêmico. Dentre elas, infância, mídia, cultura, sociedade, identidades, etc. Juntamente com os aspectos culturais que descrevi no início deste artigo, os quais me causaram estranhamento e por este motivo a vontade de questionar velhos e novos conceitos. Steinberg (1997) diz que “a infância é um artefato social e histórico e não simplesmente uma entidade biológica” (p. 98). Neste sentido o tempo-espaco histórico e o lugar em que nos encontramos diz muito sobre quem somos.

A escola sempre deteve o poder do “mais saber”, do lugar do conhecimento, mas sabemos, e temos discutido que ela não é o único lugar em que se aprende, principalmente modos de ser. John Wesley Freire (1999) diz que “professores desatentos podem contribuir para a fixação de falsos valores” (p.38). Assim, posso usar suas palavras para afirmar, que precisamos estar atentos aos valores importantes da sociedade, bem como os da comunidade em que estamos inseridos, a fim de perpetuar o que será útil de forma geral. “Creio que cabe à escola, não somente a ela, mas a ela como um dos meios mais fortes, auxiliar às crianças a lerem “as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação em massa” (FREIRE, 1999, p .8). (SOMMER, 2009, p. 40)

“Tudo o que é percebido pelos sentidos é informação” (FREIRE, 1999, p.20). A cultura musical está ligada tanto aos produtos apresentados como as identidades que são



moduladas, moldadas, constituídas. A mídia tem participado desta construção de caráter, de constituição de identidades e reformulação e formulação de culturas.

Neste trabalho expus algumas de minhas vivências e observações a fim de procurar exemplificar e refletir os paradoxos de minha própria experiência. Porém, mesmo depois de tantas leituras e discussões, restam-me algumas dúvidas de como é possível “instrumentalizar” (FREIRE, 1999) os jovens e crianças para que no futuro possam tomar decisões melhores diante de tantas opções que lhes são apresentadas através da mídia, da sociedade, da comunidade, da escola.

Confesso que não fui educada, nem em minha vida pessoal, nem na academia a tratar com certas realidades, as quais vivenciei e vivencio todos os dias no fazer pedagógico na educação pública. Acredito que sim, meus alunos são muito privados de muitas coisas, tem uma vida difícil perpassada por sofrimentos, vivem realidades que ainda não considero saudáveis, nem naturais. Estão sempre confrontando discursos de impossibilidades e experienciando perdas. E gostaria muito de poder mudar muitas destas “verdades”.

A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo —discursoll refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu *significado* é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo. (HALL, 1997a, p. 10)

Após refletir sobre seus fazeres, suas falas, suas realidades, suas “verdades”, seus discursos, pude perceber a garra e a luta destes jovens e crianças. Também percebi que ela é diária. Talvez não em uma forma materializada de luta consciente, mas na reprodução e perpetuação dos discursos, das possibilidades e até mesmo na ilusão de salvação da “cultura funk”.

Quando os indivíduos se percebem parte de uma cultura maior, de algo que lhes significa, passam a “regular-se culturalmente”. Este é um conceito discutido por Kathryn Woodward e Stuart Hall (1997a), em que propõem como nos definimos culturalmente através da criação de sentido e dos discursos:

Outra forma de “regular culturalmente” nossas condutas está nos sistemas classificatórios que pertencem e delimitam cada cultura, que definem os limites entre a semelhança e a diferença, entre o sagrado e o profano, o que é “aceitável” e o que é “inaceitável” em relação a nosso comportamento,



nossas roupas, o que falamos, nossos hábitos, que costumes e práticas são considerados “normais” e “anormais”, quem é “limpo” ou “sujo” (ver Woodward, ed., 1997). Quando uma pessoa pode ser definida como alguém cujas ações são sempre inaceitáveis, conduzidas por normas e valores que não compartilhamos, nossa conduta em relação a essa pessoa será modificada. Classificar ações e comparar condutas e práticas humanas de acordo com nossos sistemas de classificação cultural é mais uma forma de regulação cultural.” (HALL, 1997a, p.42)

A partir deste conceito, percebi que as culturas constituídas pelas especificidades das comunidades, aliadas as mídias e suas representações são verdadeiramente plurais e formas identidades distintas do que acreditamos que elas poderiam se tornar. Muitas vezes a realidade é o estopim para a mudança interna de cada um, para a luta contra o que “deveriam” se tornar. “Solucionar problemas geralmente é uma questão de mudar a forma como as pessoas fazem as coisas, ou como elas veem o mundo”. (PERRI, 1997, p. 260 apud HALL, 1997a).

É importante sabermos como a cultura é modelada, controlada e regulada é que a cultura, por sua vez, *nos* governa — “regula” nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla. (HALL, 1997a, p.18)

Percebi em meus alunos esta vontade, muitas vezes inconsciente, de mudar suas possibilidades, de destruir conceitos previamente regulamentados, de ver uma nova possibilidade de mundo através da música. De uma nova cultura, na qual podem ser valorizados, superar problemas e adversidades. Em que podem ser parte da cultura, constituir identidades diferentes das que acreditavam ser possíveis.

Acredito que estas possibilidades e novos discursos de ser possam estar impulsionando estes jovens e crianças a uma vida melhor, mas nem todos terão as mesmas possibilidades e verão estes discursos “salvacionistas” funcionarem em suas vidas. Mas espero que de alguma forma uma nova forma de ver mundo, apesar dos pesares, possa incentivá-los e motivá-los a mais do que lhes é proporcionado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno.** In: BIANCHETTI, Lucídio, e MACHADO, Ana Maria Netto. *A Bússula do escrever: Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.* Editora da UFSC/ Cortez Editora, Florianópolis/ São Paulo, 2001.



ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editoras, 1973.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On Discursive Limits of Sex**. Nova York: Routledge, 1993.

COSTA, Marisa Vorraber. **Mídia, magistério e política cultural**. In: Estudo Culturais em Educação. Editoras da Universidade/UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luís Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. COSTA, Marisa Vorraber. In: Revista Brasileira de Educação. Maio/jun./jul/ago. 2003.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FELIPE, Jane. **O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon**. IN: KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva, e CRAIDY, Carmem Maria. Educação Infantil: Pra que te quero? - Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELIPE, Jane e GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. Pro-posições. Campinas, v. 14, n.3(42), set./ dez. 2003.

FELIPE, Jane. **"Cachorras", "tigrões" e outros "bichos": problematizando gênero e sexualidade no contexto escolar**. Secretaria Municipal de Educação de Alvorada, 2002.

FICHTNER, Bernd. **Ensinar e aprender, um diálogo com o futuro: a abordagem de Vygotski**. In: Identidade Social e a construção do conhecimento. SMED Porto Alegre, 1997, pp. 146 -176.

FREIRE, Madalena. Observação, registro, reflexão. Instrumentos Metodológicos I. **Publicação do Espaço Pedagógico**, 1996, pp. 14- 110.

FREIRE, John Wesley. **O que fazer com a mídia**. In: Mídia e Educação. Gryphus, 1999, pp.15 - 50.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GALLO, Sílvio. **Sob o signo da diferença de uma educação para a singularidade**. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Lutheran do Brasil. Julho, 2004.

GARBIN, Elisabete Maria. **Música e identidades juvenis na cena cultural contemporânea**. Soc. e Cult., Goiânia, v. 17, n. 1, p. 87-95, jan./jun. 2014 Soc. e Cult., Goiânia, v. 17, n. 1, pp. 87-95, jan./jun. 2014.

GARBIN, Elisabete Maria. **Identidades Juvenis em Territórios Culturais Contemporâneos**. In: Unirevista – Vol. 1, nº 2. abril 2006.



GARBIN, Elisabete Maria. **Diferente de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola.** In: CAVALCANTE, Marcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antonio de (Org.). Culturas Jucenis dinamizando a escola. Porto Alegre: Edupucrs, 2009, pp. 11-18.

GAYA, Arnaldo Cezar Araújo. **O corpo que não vai à escola.** In: Identidade Social e a construção do conhecimento. SMED Porto Alegre, 1997, pp. 353-365.

GIDDENS, Anthony. **Consequências da modernidade.** Cambridge: Polity, 1989.

GIROUX, Henry. **Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação.** In: SILVA, Tomás Tadeu. (Org.) Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

GOMEZ, Victória Ceres. **Técnicas de Pesquisa.** In: Pesquisa Qualitativa em Saúde, Porto Alegre, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades.** In: Comunicação, Mídia e Consumo, vol- 4. São Paulo, nov. 2007.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as resoluções culturais do nosso tempo.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1997a.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997b.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUDAK, Glenn. **The "sound" identity: music-making & schooling.** In: McCarthy, Cameron; et al. Sound Identities: popular music and the cultural politics of educational. Nova York: Peter Lang, 1999. pp.447-472.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAGO, Margareth e outros (org). **Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Televisão e educação: um canal aberto.** In: Mídia e Educação. Gryphus, 1999, pp. 51-74.

SILVA, Juremir Machado da. **A Invenção da Infância.** In: Correio do Povo, outubro de 2009. Disponível em: <<http://psicologiaevidalivres.blogspot.com/2009/10/invencao-da-infancia-por-juremir.html>>. Acesso em: 15 nov. 2019.



SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOMMER, Verônica Leques. **Cultura Musical na Educação Infantil: das imagens e danças as letras e expressões**. Trabalho de conclusão de Curso - Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

STEINBERG, Shirley R. **Kindercultura: A construção da infância pelas grandes corporações**. In: Identidade Social e a construção do conhecimento. SMED Porto Alegre, 1997, pp. 98-141.

VAZ, André Parente e Paulo. **Ensino na Era da Informação**. In: Mídia e Educação. Gryphus, 1999, pp.75–94.

WALKERDINE, Valerie. **A cultura popular e a erotização das garotinhas**. In: Realidade e Educação. Editora FAGED/UFRGS, jul.1999.

WOLCOTT, H. F. **Review of Headteachers at work**, by V. Hall, H. Mackay, and C. Morgan. International Journal of Qualitative Studies in Education 1(4), 1988. pp. 371-373.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.